

# SEMANA SANTA EM BRAGA- O DESPERTAR DA LETARGIA

Dr. Paulo Abreu

Faculdade de Teologia da U.C.P. - Braga

## RUMO À “SEMANA MAIOR”

Correm normalmente tranquilos os tempos inverniais. Os dias são pequenos, o sol dura pouco, o lar fala de conforto e dá o calor que na rua não se sentem. Na popular expressão das gentes do Minho, durante essa quadra fria, é “trabalho-casa, casa-trabalho”.

Tudo parece desabrochar a partir da quarta-feira de cinzas. Os sinos reúnem os fiéis –muitos, muito devotos– nas igrejas. A cerimónia da *imposição das cinzas* atrai. A devoção é grande, misturada com um ar penitente e uma vontade manifesta de dar novo rumo à vida.

A partir da Quarta-feira de cinzas, começa o chamado *Sagrado Lausperene*, espécie de “via-sacra” eucarística que, iniciando-se na Catedral, percorre depois todas as igrejas da cidade de Braga, numa cadência de dois em dois dias, a hóstia consagrada exposta entre o amanhecer e o pôr do sol. Na maioria das Igrejas, embelezam-se as tribunas. As zeladoras esmeram-se. Não raro o espectáculo é deslumbrante, por vezes faustoso. Algumas tribunas –já de si belas– tornam-se magníficas. Esse costume vem dos tempos do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, pelo menos desde o ano de 1709. O Lausperene percorre as Igrejas da Catedral, de S. Paulo, da Misericórdia, da Penha, do Salvador, de Santo Adrião, da Cividade, da Lapa, de S. Victor, dos Terceiros e de Ferreiros, de S. João do Souto, de S. Lázaro, de Santa Cruz, do Carmo, das Teresinhas, de Maximinos, do Hospital, do Pópulo, dos Congregados, de S. Vicente, da Senhora-a-Branca, do Instituto Mons. Airosa. E há gente que faz questão de “visitar o Senhor” em todas essas Igrejas.

Nos últimos anos, isto é, desde 2001, o Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga, ao longo de todas as quartas-feiras da Quaresma, tem orientado as chamadas “*Conferências Quaresmais*”, o tema a variar em sintonia com a proposta do Santo Padre para a Quaresma de cada ano.

As primeiras dessas Conferências tiveram como palco a Catedral; nos últimos dois anos descentralizaram-se, tendo as do penúltimo ano ocorrido no Concelho e Arciprestado de Amares, e as deste ano 2008 na vila das Taipas, Concelho e Arciprestado de Guimarães.

Muitos são os grupos e paróquias que organizam *vias-sacras*, uma devoção que reúne considerável número de aderentes. Para além das que ocorrem nos interiores dos templos, outras há que escolhem um local emblemático dos arredores da cidade: o Bom Jesus do Monte. E os penitentes lá seguem, escadório acima, parando em cada capela, rezando, cantando, até desembocarem na magnífica Basílica do Bom Jesus. Por entre os grupos que praticam tal devoção, destaque para o dos universitários, às centenas, que escolhem a calada da noite para desafiar as trevas com as velas acesas.

Ao longo de toda a Quaresma multiplicam-se os *Concertos*, em várias igrejas, sendo as mais procuradas as da Sé, Santa Cruz e Misericórdia, aliás em consonância com as três entidades que mais laboram e se responsabilizam pelo brilho das celebrações quaresmais: o Cabido da Catedral; a Irmandade da Misericórdia; a Irmandade de Santa Cruz. No presente ano de 2008, e à laia de exemplo, realizaram-se os seguintes concertos: dia 22 de Fevereiro, na Sé Catedral, de órgão, por Giampaolo Di Rosa; dia 29 do mesmo mês, na Igreja de S. Paulo, Coro e Orquestra da Associação da Sinfonietta de Braga; dia 7 de Março, na Igreja do Hospital de S. Marcos, Coro Polifónico e Orquestra «Sine Nomine» da Lapa (Porto); dia seguinte, na Igreja de S. Victor, Coral Polifónico del Centro Artístico Sportivo de Ponteareas (Pontevedra); no dia 14 de Março, na Catedral, Orquestra do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, de Braga; dia 17 de Março, na Igreja de Santa Cruz, Capella Musical de Santa Cruz; dia seguinte, na Catedral, Coro da Sé Catedral do Porto.

A juntar aos concertos, menção se faça também de vários outros *espectáculos e exposições* que normalmente polvilham a Quaresma e vão preparando os fiéis para uma vivência profunda da chamada “Semana Maior”. Iguamente nos cingimos aqui, por razões de brevidade, ao ocorrido no presente ano de 2008. Assim, a Região de Turismo do Verde Minho organizou uma exposição fotográfica —«Semana Santa em Braga»— itinerante por cidades de Portugal; o Museu Pío XII patenteou ao público duas exposições: uma intitulada «Ecce Agnus Dei», com fotografias de Rodrigo Lima e Hugo Delgado, outra, «Sofrer em Ti», com pinturas de Ricardo Campos; a Junta de Freguesia de S. Victor expôs pinturas a óleo, de Casanova, relativas à via-sacra de Jesus Cristo; a Irmandade da Misericórdia levou a cabo uma Exposição de Oratórios; o Posto de Turismo de Braga, em colaboração com o Tesouro-Museu da Sé, mostrou «A Cruz redentora»; na Igreja da Senhora-a-Branca, fotografias de Carlos Ribeiro mostraram-se sob o título: «Semana Santa - O nosso olhar...»; o Colégio Teresiano ofereceu um «Ensaio de Ballet sobre os Símbolos da Páscoa».

Não por acaso muitos artistas escolhem o período quaresmal para exporem as suas obras. Certamente porque abundam as produções centradas no fenómeno religioso, em concreto no Cristo sofredor, no Salvador do Calvário, no peito trespassado, no rosto ensanguentado, na flagelação, na coroa de espinhos, na crucifixão... Mas há ainda pelo menos um outro motivo: é que a Semana Santa atrai *inúmeros turistas* a Braga, na sua maioria espanhóis. Os hotéis esgotam a lotação. As ruas misturam línguas. As máquinas fotográficas reclamam postura, beleza e asseio. Os bracarenses esmeram-se em hospitalidade. O Posto de Turismo corporiza a vontade de cativar. A Turel —cooperativa de Turismo Cultural e Religioso—, de fundação recente, mas dinâmica, elabora roteiros de viagens, por Braga (Sé, Torre Medieval, Santa Marta da Falperra, Bom Jesus, Sameiro...) e localidades próximas (Parque Nacional da Peneda-Gerês, Santuários de S. Bento da Porta Aberta e da Abadia, Castelo da Póvoa de Lanhoso, Castelo e Paço dos Duques em Guimarães...).

Esmerada é ainda a *ornamentação das ruas* da cidade de Braga. Os *designer's* esforçam-se. A cor predominante é o roxo. Os elementos decorativos são os mais variados. Procura-se que sejam estéticos e apelativos. Por elementos decorativos entendem-se cartazes, desdobráveis, pequenas brochuras, animações de rua... Passam no crivo avaliador da chamada Comissão da Semana Santa, integrada por representantes do Cabido Metropolitano Bracarense, da Irmandade da Misericórdia, da Irman-

dade de Santa Cruz, da Câmara Municipal de Braga, da Região de Turismo do Verde Minho, da Associação Comercial de Braga.

E assim chegamos ao sábado que antecede o Domingo de Ramos, marcado por dois eventos, que ocorrem sequencialmente: primeiro, dá-se a *trasladação* da Imagem *do Senhor dos Passos*, da Igreja de Santa Cruz para a Igreja de S. Paulo. O andor vai ladeado por Irmãos da Irmandade de Santa Cruz, envergando opas e levando em mãos tochas acesas, e é seguido por muito povo. No percurso, cantam-se os “martírios”, melodia popular que narra, em quadras simples, os passos ou martírios de Jesus, a caminho do Gólgota<sup>1</sup>; depois, uma vez depositado o andor, todos prosseguem, em jeito de via-sacra, visitando *oito calvários* existentes na cidade, normalmente encobertos por portadas de madeira, mas que nesse dia se exibem aos crentes. São eles, pela ordem que se percorrem e mostram, assim localizados: Jesus no Jardim das Oliveiras —Rua de São Paulo; Jesus com a cruz às costas— Campo de Santiago; Jesus encontra sua Mãe —Largo de Carlos Amarante; Jesus cai por terra— Casa dos Coimbras; A Verónica limpa o rosto de Jesus —Rua D. Paio Mendes; A caminho do Calvário— Casa do Igo; Segunda queda —Arco da Porta Nova; Jesus é pregado na cruz— Largo do Paço.

De quanto temos vindo a expor, poderão relevar-se alguns traços típicos da piedade das gentes do Norte de Portugal. Assim, existe uma forte devoção eucarística, que se patenteia, entre outras manifestações, no modo como as Igrejas e, em concreto, as tribunas, se adornam. A tal ponto que só um trabalho aturado dos párocos e capelães pode obviar a rivalidades não consentâneas com a humildade do mistério que se contempla e adora.

Mas a piedade não se esgota no interior dos templos. O povo também gosta de se manifestar na rua. E de presenciar quanto na estrada desfila. Sempre que uma Procissão se organiza, a assistência está garantida. E normalmente o clima é de muito respeito e compunção. E também não faltam figurados para inserir nos cortejos, colhidos entre os membros das Confrarias e Irmandades, ou entre quem quer representar a Senhora das Dores, ou incorporar-se no elevado grupo dos anjinhos...

A piedade das gentes do Minho vibra quando o que se celebra comporta algo de doloroso, de agónico, de triste, de lamuriento. O lado aberto de Cristo, o rosto ensanguentado, a morte na cruz; a Senhora das Dores; as vias-sacras... são algumas facetas dessa religiosidade pesadosa, que brota espontânea da alma do povo, marcado no seu quotidiano por renúncias, carências, sacrifícios, muita dor.

<sup>1</sup> Agradecemos as informações que, sobre esta Procissão, assim como sobre a Procissão do Senhor dos Passos, gentilmente nos forneceu o Rev.do Cón. António da Silva Macedo.

## DOMENICA IN PALMIS E PROCISSÃO DA BURRINHA

No Domingo de Ramos, as celebrações iniciam-se na Igreja de São Paulo, exactamente aquela que no dia anterior recebera a Imagem do Senhor dos Passos. Aí se dá a *bênção dos ramos*. E daí parte, rumo à Catedral, a *Procissão* que recorda a entrada *triumfal* de Jesus em Jerusalém, montado num jumento e aclamado pelas multidões. Chegando a procissão à Catedral, realiza-se a cerimónia da *Aclamação a Cristo e da abertura solene das portas*. A aclamação a Cristo é feita em latim, conforme o *Missale Bracarense*, reconhecido e reformado pelo Papa Pio XI<sup>2</sup>. Os populares que se concentram às portas da catedral tornam-se particularmente curiosos quando – terminado o *Gloria, laus* –, o Presidente da Celebração (geralmente o Arcebispo de Braga) começa a bater com a haste do báculo na porta da Catedral, cantando: “Attollite portas, Principes, vestras: et elevamini, portae aeternales, et introibit Rex gloriae”. Do interior da Catedral fazem-se ouvir os seminaristas: “Quis est iste Rex gloriae?” Responde o Prelado:

“*Dominus fortis et potens*”. Segue-se novo batimento na porta, novo apelo a que as portas se abram e nova interrogação: “*Quem é esse Rei da glória?*”, sendo que a segunda resposta é: “*Dominus potens in praelio*”. A cena repete-se uma terceira vez, sendo a última das respostas: “*Dominus virtutum ipse est Rex gloriae*”.

Uma vez abertas as portas, segue-se a celebração da Eucaristia onde, como é habitual, se lê o relato da paixão segundo S. Mateus, qual visão panorâmica de quanto, em profundidade, se irá viver nessa iniciada Semana Maior.

Da parte da tarde – estamos ainda no Domingo de Ramos –, realiza-se a Procissão dos Passos, sempre muito concorrida, quer a nível de figurados, quer de devotos assistentes. “A solene *Procissão dos Passos* – é a Comissão da Semana Santa quem o escreve – oferece aos espectadores, em quadros alegóricos e encenação dramática, o mesmo que, na Missa de Ramos foi lido no Evangelho da Paixão. Nela desfilam as figuras que intervieram no julgamento, condenação e morte de Jesus: soldados, algozes e inimigos; mas também Cireneus e amigos, Madalenas arrependidas e piedosas mulheres. O próprio Jesus, o «Senhor dos Passos», levando a cruz às costas, atravessa as ruas da Cidade, como outrora percorreu as de Jerusalém. [...] Junto à Igreja de Santa Cruz [sita num largo que oferece hipóteses de concentração de uma verdadeira multidão de fiéis] tem lugar o *Sermão do Encontro* e, no decorrer deste, os ouvintes assistem ao comovente encontro de Jesus com Sua Mãe dolorosa, a «Senhora das Dores»”<sup>3</sup>.

Acrescente-se que este Sermão do Encontro não costuma desmerecer a oratória clássica. É normalmente proferido por um veterano pregador, capaz de empolgar a multidão. Abundam apelos à conversão e alusões ao pecado. Não será mau verem-se, em alguns rostos, lágrimas de arrependimento. E/ou de emoção por tão fascinante encontro entre Jesus que caminha para o Calvário e Sua Mãe, a Senhora das Dores.

Antes de nos centrarmos nos principais dias da Semana Santa, ainda temos que noticiar uma outra procissão, muito curiosa, muito popular, deveras simpática, capaz de desinquietar os mais acomodados. Tem o original nome de “Procissão de Nossa Senhora da Burrinha” ou, com mais rigor, “*Cortejo Bíblico «Vós sereis o meu povo»*”. Acontece na quarta-feira santa, à noite. E assim é apresentado nas fontes que o divulgam: “Organizado desde 1998, pela Paróquia e pela Junta de Freguesia de S. Victor, este eloquente cortejo apresenta a pré-história do Mistério Pascal de Jesus que a Igreja celebra nos dias seguintes. Desde o chamamento de Abraão, passando pela era dos Patriarcas, pela escravidão no Egito e gesta libertadora de Moisés (prefiguração de Cristo), até à infância de Jesus, incluindo a sua fuga para aquele país com José e Maria montada numa burrinha, desfilam, em sucessão cronológica e em verdadeira catequese viva, profetas, reis, figuras eminentes, símbolos e quadros bíblicos do Antigo Testamento. No essencial, assim é figurada a aliança de Deus com o seu povo – «Vós sereis o meu povo» – e prefigurada a Nova Aliança que será selada com o sangue de Cristo”.

## O TRÍDUO PASCAL

A quinta-feira santa é marcada por três eventos: pela manhã, a missa crismal, com a bênção dos santos óleos; da parte da tarde, a chamada missa da instituição da Eucaristia; à noite, a Procissão do *Ecce Homo*.

No tocante à missa crismal, impressiona pela quantidade de sacerdotes que comparecem para concelebrar, manifestando comunhão com o seu Bispo. No geral, oscilam entre as duas centenas e meia e as três centenas. A cidade de Braga fica “invadida” de clero. Finda a Eucaristia, a Arquidiocese oferece o almoço aos concelebrantes, proporcionando, deste modo, um espaço de comunhão e convívio entre os sacerdotes e destes com o seu Pastor.

Quanto à Eucaristia da tarde, começa com a cerimónia do lava-pés. O Arcebispo aparece revestido de pluvial roxo, acompanhado por dois diáconos em dalmática roxa, ainda por dois cónegos com casula da mesma cor. Para figurar os Apóstolos são escolhidos alunos do

<sup>2</sup> *Typis Polyglottis Vaticanis*. Romae MDCCCXXIV, pp 150-154.

<sup>3</sup> Este texto, além de aparecer no opúsculo onde a Comissão divulga todo o programa da Quaresma e da Semana Maior, intitu-

lado *Semana Santa*. 2008, também se encontra num outro meio de divulgação, a saber, numa página web: [www.semanasantabraga.com](http://www.semanasantabraga.com).

Seminário Menor, dispostos aos lados do altar. Iniciada a cerimónia, desloca-se um de cada vez à frente do altar, onde o Arcebispo lhe deita água no pé direito, enxugando-o de seguida. Terminado o lava-pés, dá-se a mudança de paramentos, para a cor branca.

No final desta Eucaristia da tarde, cantam-se Vésperas<sup>4</sup>. Durante o *Magnificat*, o Santíssimo Sacramento é levado em procissão (sob um pálio branco, o cibório coberto por um pano), pelas naves da Catedral, para um lugar de adoração (entenda-se, para a Capela do Santíssimo, dentro da Catedral). Aí permanece até ao dia seguinte.

Segue-se a desnudação do altar-mor, enquanto o coro, composto por seminaristas do Seminário Maior, canta um tema alusivo ao despojamento de Jesus.

Na despedida desta celebração vespertina, os fiéis são convidados a visitarem as sete Igrejas que representam as Sete Estações de Roma. São essas Igrejas, para além da Catedral, as da Misericórdia, Santa Cruz, Terceiros, Salvador, Penha e Conceição/Mons. Airosa.

Entretanto, os farricocos percorrem a cidade. São uma espécie de sino ambulante a convocar para a procissão da noite —a Procissão do *Ecce Homo*—.

É organizada pela Santa Casa da Misericórdia que, nos panfletos publicitários, assim a descreve:

*“Abre com o desfile dos Farricocos, quase sempre descalços, por sua decisão. São hoje figuras alegóricas dos antigos penitentes públicos. Vestem túnicas negras, cingidas por uma corda; a cabeça é coberta com um pano idêntico e coroa de sisal. Uns transportam uma cesta metálica, com pinhas a arder, empunhada por vara de madeira: são os FOGARÉUS; outros levam matracas, umas caixas de madeira que fazem rodar sobre um eixo, produzindo um ruído característico. O povo chama-lhes «ruge-ruge», porque imitam o som destes dispositivos estridentes.*

*No cortejo litúrgico desfilam os Irmãos da Santa Casa da Misericórdia, com opa negra e tocha acesa na mão, ladeando os passeios das ruas. No meio destas alas vão as bandeiras da Irmandade, alumadas por lanternas.*

*O único andor que é venerado nesta procissão é o do Senhor ECCE HOMO. A sua imagem, quase desnudada e coroada de espinhos, leva na mão uma cana verde. Por isso é também conhecida por procissão do SENHOR DA CANA VERDE.*

*Desfilam, no meio do cortejo, muitas crianças, jovens e adultos. Estas figuras alegóricas representam a Última Ceia do Senhor, a prisão, julgamento e condenação de Jesus à morte.*

*O passo cadenciado dos «pegadores» do andor e o som das bandas de música e das varas dos mesários, a bater no chão, contrastam com os milhares de devotos que assistem à sua passagem, nas ruas da cidade e das janelas das casas”.*

<sup>4</sup> Todas as músicas, tal como as de Laudes e Vésperas de sexta-feira santa, ainda as de Laudes do sábado santo, podem conhecer-se na publicação *Tríduo Pascal. Ofícios na Catedral*. Braga: Ed. Cabido Metropolitano e Primacial Bracarense, 2007.

Desde o ano 2004 que a Procissão é enriquecida com quadros alusivos às 14 obras de misericórdia. Ainda com as imagens da Rainha Santa Isabel e de S. Luís, dois ícones da caridade cristã.

Para além dos milhares de pessoas que “assistem” à procissão, nas ruas, ou nas janelas das casas, referência merecem igualmente aquelas largas centenas que a acompanham atrás do andor, debaixo do qual vai o santo lenho, em ostensório de prata dourada, do séc. XVIII.

Recorde-se, finalmente, que esta Procissão também é chamada de *ENDOENÇAS*, palavra que evoca indulgência, moderação, bondade, benevolência, complacência, perdão de dívida..., em sintonia, aliás, com o ensinamento de Jesus: amai, perdoai... como Eu vos amo... e perdoai.

A sexta-feira santa começa com o Ofício de Laudes, cantado pelos seminaristas, em diálogo com os capitulares, e com a participação de numerosos fiéis. Segue-se uma alocução do Presidente, alusiva às sete Palavras de Jesus na Cruz. Em seguida, os Capitulares acolhem os penitentes que desejam receber o Sacramento da Reconciliação.

Da parte da tarde, pouco antes das 15 h, revestido com pluvial negro e acolitado por dois cónegos com casulas pretas, o Arcebispo dirige-se para o cadeiral. É impressionante o respeito, o silêncio da multidão que enche por completo a Sé (onde o escuro, nesta parte inicial da cerimónia, prevalece). Vive-se um verdadeiro clima de luto, em silêncio, recolhimento, meditação.

Voltado para o cadeiral, o Presidente prostra-se, bem como os capitulares que o acolitam. Um minuto depois levanta-se e volta-se para os fiéis. Segue-se o canto dos Impropérios (lamentos de Jesus) e a aproximação da cruz, transportada por Cavaleiros do Santo Sepulcro, que ajoelham três vezes ao longo do percurso, ao ritmo dos impropérios cantados<sup>5</sup>. A cruz é entregue ao Presidente da Assembleia. Depois, um pano (sudário) é estendido de um ao outro lado da capela-mor. A cruz vai sendo progressivamente desvelada e mostrada, por três vezes, tantas quantas o sudário se baixa. O Presidente, que a ostenta, entoa, de cada vez, “Eis o madeiro da cruz...” (conforme música do Ritual Romano); o povo conclui ajoelhando e cantando: “Vinde, adoremos”. De seguida, a cruz é dada a beijar a toda a assembleia.

Os momentos seguintes são os da Celebração da Palavra e distribuição da Sagrada Comunhão. Segue-se o Canto de Vésperas.

E é então que surge um novo momento a assinalar: enquanto o *Magnificat* está a ser cantado, os Cavaleiros do Santo Sepulcro transportam e colocam sobre o altar-mor uma urna, revestida a renda preta. Nessa urna

<sup>5</sup> Como se percebe, em Braga os *Impropérios* cantam-se antes da Apresentação da Cruz.

coloca-se o SS.mo Sacramento e uma Bíblia fechada (representa o silêncio de Deus durante o tempo que medeia entre a morte e a Ressurreição de Jesus). Incensado o SS.mo Sacramento, organiza-se a chamada Procissão Teofórica do enterro do Senhor, dentro da própria Catedral.

À frente vão os irmãos da Confraria da Misericórdia; depois, a cruz processional. Seguem-se os seminaristas do Seminário Menor e os capitulares, estes com uma vela acesa na mão. A urna vem a seguir, transportada pelos Cavaleiros do Santo Sepulcro, sob o pálido que os seminaristas seguram. Encerra o cortejo o Presidente da Assembleia e seus acólitos e ainda um pequeno grupo de cantores que entoam, em tom de lamúria: “Heu! Heu! Domine! Heu! Heu! Salvador noster!”: Ai! O que fizeram do nosso Salvador.

Os que integram a procissão levam as cabeças cobertas; os irmãos da Misericórdia, que a abrem, fazem roçar as bandeiras no chão; tudo isso em sinal de vergonha e arrependimento pelos pecados que entregaram Jesus à morte.

A urna fica depositada no altar de Nossa Senhora do Sameiro, na nave oposta à do sacrário, até ao final da Eucaristia da Vigília Pascal.

Mas as cerimónias de sexta-feira santa não acontecem apenas dentro da Catedral. À noite, as ruas da cidade voltam a regurgitar de gente, uma multidão enorme, para assistir à Procissão do enterro do Senhor, organizada pelo Cabido da Catedral. Mais uma vez o clima que se respira é de respeito, de contemplação, de silêncio.

Integram este desfile os Cavaleiros da Guarda Nacional Republicana; os farricocos; a Banda de Música de Calvos; a Cruz Vermelha Portuguesa; as Guias de Portugal; a Confraria dos Passos da freguesia de Real; outras Confrarias dos Passos convidadas; a Irmandade de Santa Cruz; a Irmandade da Misericórdia; os Cavaleiros do Santo Sepulcro; a Ordem Soberana de Malta; os seminaristas; os capitulares; os guardas da Catedral; o Arcebispo ou um seu representante; as autoridades civis; a banda de música de Cabreiros; os Bombeiros; e o povo que prefere peregrinar em vez de assistir. Por entre a Procissão, descobrem-se as bandeiras de Portugal e de Braga, o estandarte da Cruz Vermelha Portuguesa, o estandarte das Guias de Portugal, o Andor com a Cruz, o esquife, o andor de Nossa Senhora das Dores, a cruz do Cabido, o Pálido.

A vigília pascal segue, no geral, o ritual romano. Sobressaem os símbolos: as trevas, a luz (lume novo, dragão, círio pascal aceso...), a água viva, a cor alegre dos paramentos, a música festiva.

Merecerá uma palavra o símbolo do dragão: trata-se de uma cana, que representa a humanidade frágil assumida por Cristo, encimada por três velas, que significam a manifestação da Santíssima Trindade na ressurreição de Cristo<sup>6</sup>.

Durante a Eucaristia, ao canto do “Glória”, as campainhas atravessam a Catedral, rasgando o silêncio que a sexta-feira santa tinha imposto. E terminada a Missa, os foguetes espraiam-se pela concha celeste, altivos na proclamação da vitória definitiva de Jesus sobre a morte.

O Domingo de Páscoa acorda sempre risonho. Por todo o Norte português acontece a chamada Visita Pascal: um grupo de crentes (quando possível, encabeçados pelo pároco, ou por um sacerdote, ou um seminarista), em todas as paróquias, em todas as vilas, em todas as cidades, vai de casa em casa. Nas portas que se abrem (a maioria) entra o “Compasso”. A palavra que mais se ouve é: Aleluia! E o alegre anúncio: Cristo ressuscitou.

Uma festa! Festa enquanto se espera que o Compasso chegue (os vizinhos à conversa diluindo a tensão da expectativa), festa porque “a Cruz já está aí”, festa porque a família (às vezes após temporadas consideráveis de desencontro) se juntou. E até o cabrito assado (comida típica da época, que se soma às amêndoas e aos ovos de Páscoa), ajuda a animar tão festivo convívio.

As flores aparecem nas entradas das portas, a indicar vontade de receber. Espalham-se pelos caminhos, a colorir e aromatizar o ambiente. E voltam aos altares e às tribunas, a proclamar o Deus criador e belo, libertador e magnífico.

Há Páscoa na cidade, na vila, na aldeia. Há um respiro de alegria. Há cor, luz, som, vida. A vida que temos. A vida que —graças a Cristo— para sempre teremos!

## OUTRAS EXPRESSÕES

Uma das artes que povoa, embeleza e ajuda à vivência quer do período quaresmal, quer, em concreto, do tríduo pascal, é a música. Alguns compositores bracarenses têm dedicado parte considerável do talento a musicar textos e poemas para serem cantados na Quaresma ou nos dias maiores da semana santa. Por entre esses compositores, destaque para os Maestros Manuel Faria e António Azevedo Oliveira. Algumas músicas são autênticas obras de arte, quer pelos sentimentos que inspiram, quer pelos sentimentos que exprimem, quer pela forma como harmoniosamente se adequam as notas com a letra.

De entre as músicas de Manuel Faria, refiram-se: “Sicut ovis”; “Morreu o nosso Pastor”; “Não foi com

<sup>6</sup> Por quanto se refere à liturgia do tríduo pascal, preciosas foram as notícias que gentilmente me cederam os Dig.mos Cón.s Manuel Azevedo Oliveira e Manuel Joaquim Fernandes da Costa.

ouro ou prata”; “Sepultado o Senhor”; “Qual cordeiro inocente”; “Senhor, meu bom Jesus”; “Salvé, ó Cruz”. Por entre as de António Azevedo Oliveira sublinhem-se: “Stabat Mater”; “Senhor, Tu vais lavar-me os pés?”; “Repartiram entre si as minhas vestes”.

Para além dos músicos, também os poetas se sentem inspirados nos cenários agónicos e festivos da Quaresma e da Páscoa. Por entre os muitos exemplos que se poderiam aduzir, lembremos dois.

Comecemos por Abel Varzim (1902-1964), sacerdote, natural de Cristelo, Concelho de Barcelos, conhecido pelas suas intervenções no campo social. É dele o belíssimo poema que se segue, intitulado:

### Cristo antigo

*Que fazes tu aí, ó Cristo antigo  
Pregado nessa cruz eternamente?  
Liberta a tua mão omnipotente  
Desprega esses teus pés. . . e vem comigo!...*

*Não sabes que sem Ti, nada consigo?  
Nem vês que fazes falta a tanta gente?  
Oh! vem de novo como antigamente  
Viver connosco e nós. . . viver contigo!*

*Não vens? Não queres ouvir a humilde prece  
Dum mundo que sem Ti desaparece,  
Vencido pela morte e pela dor?  
Não vens? Não pode a cruz ficar sozinha?  
Pois bem. . . permite então que seja minha  
Eu fico nela. . . e desce Tu, Senhor”.*

António Manuel Couto Viana, o segundo poeta que queremos recordar, nasceu na cidade de Viana do Castelo, em 1923. Encenador, dramaturgo, ensaísta, poeta, legou-nos este retrato da.

### Páscoa no Minho

*É tempo de Páscoa no Minho florido;  
Já se ouvem os trinos dos sinos festeiros  
Na igreja vestida de branco vestido,  
Entre o verde manso dos altos pinheiros.*

*Caminhos de aldeia que o funcho recobre,  
Esperam, cheirosos, que passe o «compasso»  
À casa do rico, cabana do pobre...  
Já voam foguetes e pombas no espaço!*

*Lá vêm dois meninos com opas vermelhas,  
Tocando a sineta. Logo atrás, o abade  
Já trôpego e lento. (As pessoas são velhas?)  
Mas no seu sorriso tudo é mocidade.*

*Com que unção o moço sacristão, nos braços,  
Traz a cruz de prata que Jesus cativa,  
Para ser beijada! Enfeitam-na laços  
De fitas de seda e uma rosa viva.*

*Um outro, ajoujado ao peso das prendas,  
(Não há quem não tenha seu pouco p'ra dar...)  
Traz, num largo cesto de nevadas rendas  
Os ovos, o açúcar e os pães do folar<sup>7</sup>.*

*Mais outro, ainda, de hissopo e caldeira  
Cheia de água-benta, abre um guarda-sol.  
Seguem-nos e alegam céus e terra inteira,  
Estrondos de bombos e gaitas de fol.*

*Haverá visita mais honrosa e bela?  
Famílias ajoelham. A cruz é beijada.  
(Pratos de arroz-doce, com flores de canela,  
Aguardam gulosos na mesa enfeitada).*

*Santa Aleluia! Oh, festa maior!  
Haverá mais bela e honrosa visita?  
É tempo de Páscoa! O Minho está em flor!  
Em cada alma pura, Jesus ressuscita!”.*

<sup>7</sup> Assim era até há bem poucos anos. Agora tudo é substituído por generosidade pecuniária.